

Violência contra a mulher

Leonardo Cavalcante de Araújo Mello
João Gabriel Modesto

1. Entenda o contexto

Em função das recomendações de isolamento social, as pessoas têm permanecido mais tempo em suas casas. Embora isso seja benéfico para redução do contágio da COVID-19, o maior tempo em casa possui alguns impactos negativos como a presença de conflitos intrafamiliares,¹ culminado no aumento da violência doméstica, conforme tem sido denunciado pela Organização das Nações Unidas (ONU). A(o) profissional de psicologia que esteja atuando no contexto atual da pandemia deve, portanto, cabe se atentar para esse fenômeno.

Exemplo

Bianca é psicóloga de um núcleo de apoio à saúde da família de uma grande cidade brasileira. Além de produzir atendimentos grupais com diversos formatos e objetivos (por exemplo, grupo de hipertensos, grupo de idosos, grupo de planejamento familiar, etc.), Bianca também atua realizando visitas e atendimentos domiciliares.

No contexto atual, de pandemia causada pela COVID-19, e em função das medidas adotadas de distanciamento social, Bianca está atuando principalmente na realização de acolhimentos individuais (de pessoas que buscam orientações em função da pandemia ou de casos diversos, como os de ideação suicida), ou na construção, junto às equipes dos núcleos de apoio à saúde da família (NASF) e das unidades básicas de saúde (UBS), de estratégias de educação em saúde (voltadas especialmente para a prevenção do contágio pela COVID-19), além de participar ativamente nas estratégias de monitoramento de casos suspeitos.

Recentemente, Bianca acolheu em escuta privada uma mulher, que fora encaminhada pela médica de uma das equipes de saúde da família, com uma demanda relacionada à extrema ansiedade. Angélica, de 48 anos, relata que desde que o

¹ Essa temática já foi alvo de uma produção específica da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) e está disponível no link: http://www.sbponline.org.br/arquivos/To%CC%81pico_7_O_distanciamento_social_tende_a_nos_aproximar_daqueles_com_quem_moramos_mas_que_normalmente_n%C3%A3o_convivemos_o_tempo_todo_.pdf

isolamento social teve início, não consegue dormir bem, tem apresentado coceiras por todo o corpo, além de relatar dois episódios que evidenciam o que parece ter sido ataques de pânico (taquicardia intensa, sensação de quase morte, sudorese). Angélica relatou que sempre foi um pouco ansiosa, mas que nunca havia sentido algo como sentiu nesses dois episódios. Relatou que “tudo ficou mais intenso depois que começou esse negócio de não ir para o trabalho”.

Angélica mora em uma casa de três cômodos com o marido, de 57 anos, com quem é casada há 20 anos, além de uma filha, de 5 anos, que também está em casa em função da quarentena. Angélica falou de como os dias ficaram mais complicados depois que tudo isso começou, pois além da preocupação em não contrair a COVID-19, ainda tem que lidar com seu marido 24 horas por dia. Ele é garçom em um restaurante do centro da cidade e razão da proibição da abertura de bares e restaurantes, encontra-se em casa sem ir ao trabalho há quase um mês.

Durante toda sua conversa com Bianca, Angélica pouco remeteu suas angústias e preocupações ao contexto específico da crise causada pela pandemia, mas centrou sua narrativa em como estar com seu marido o tempo inteiro tem sido doloroso para ela e sua filha pequena. “Ele passa o dia me xingando, me chamando de preguiçosa, de burra, sempre na frente de nossa filha. Só se dirige a mim gritando. Sempre foi assim, mas era suportável porque nós dois passávamos o dia trabalhando. Só costumávamos nos encontrar tarde da noite, quando ele chegava para dormir, e na saída de casa para o trabalho, de manhã cedo. Agora, ele disse que vai ficar no meu pé 24 horas porque está percebendo o quanto eu estou preocupada com os vizinhos. Ele fica insinuando que eu estou me oferecendo para os vizinhos”, relata Angélica. E continua: “a situação está de um jeito que ele não me deixa sozinha um minuto! Além disso, tomou meu celular para eu não ligar para ninguém e disse que só quem vai no mercado agora é ele, para controlar o que eu gasto, e ainda vai usar o meu dinheiro, doutora, o meu dinheiro!”. Angélica prossegue: “no dia que eu pensei que iria morrer do coração ele disse que era frescura e mandou eu ir tomar banho que passava. Me senti um lixo, sendo tratada pior do que cachorro de rua. Na segunda vez, que aconteceu dois dias depois, ele ficou rindo da minha cara enquanto eu pedia socorro, com minha filha chorando nos meus pés. Pode isso, doutora? Eu não sei o que fazer, consegui vir aqui nesse postinho porque minha vizinha, que sempre escuta ele gritando comigo, conseguiu me trazer enquanto ele foi no mercado comprar carne”. Bianca percebe que o caso de Angélica se relaciona às características de violência doméstica, tal como descritas na Lei Maria da Penha, além de recordar ter lido recomendações técnicas que alertavam os profissionais de saúde e segurança pública para a possível explosão de casos de violência doméstica potencializadas pelo confinamento doméstico.

2. Ativar conceitos-chave

Violência contra a mulher: qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial

Violência física: conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher, a exemplo de espancamentos, sufocamentos, queimadura, empurrões, beliscões, lesões causadas por armas de fogo ou objetos perfurocortantes.

Violência sexual: conduta que constranja a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada. Alguns exemplos são: estupro, forçar matrimônio, impedir uso de contraceptivos, forçar um aborto, dentre outros.

Violência psicológica: conduta que gere dano emocional, diminuição da autoestima, que prejudique o pleno desenvolvimento da mulher ou controle suas ações, crenças e decisões. Alguns exemplos são: ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, chantagem, dentre outros.

Violência moral: Conduta que envolva calúnia, difamação ou injúria. Alguns exemplos são: acusar a mulher de traição, expor a vida íntima do casal, desvalorizar a mulher pelo modo de se vestir, dentre outras ações.

Violência patrimonial: Conduta que configure retenção, destruição parcial ou total de seus objetos, documentos pessoais e recursos econômicos. Alguns exemplos são: controlar o dinheiro, furto, destruição de documentos pessoais, causar propositalmente danos a objetos da mulher.

Ciclo de violência contra a mulher: conjunto de comportamentos, contextos e situações específicas que evidenciam que uma agressão (de qualquer formato) está prestes a acontecer. São situações que variam em forma e intensidade, mas costumam se repetir dentro de uma vivência conjugal. Se caracteriza por três fases principais:

- **Fase 1 – aumento da tensão:** etapa em que o/a agressor/a constantemente se mostra irritado ou tenso por coisas triviais que acontecem no dia a dia com sua companheira. Isso se expressa por acessos de raiva, humilhações, ameaças e/ou destruição de objetos. Essa tensão pode durar dias, ou até mesmo anos, se naturaliza e pode aumentar até se consumir a fase 2.
- **Fase 2 – ato de violência:** fase em que há a materialização dos diversos tipos de violência possíveis. Algumas reações possíveis da mulher são sentimento de paralisia e impossibilidade de reação, acompanhadas de medo, insegurança, solidão, ansiedade. Nessa fase também é comum ser o momento em que a mulher consegue buscar algum tipo de ajuda, a partir de denúncias ou acolhimento em casa de parentes e amigos.
- **Fase 3 – lua de mel:** etapa caracterizada por um conjunto de comportamentos do/a agressor/a que denotam arrependimento pelos seus atos violentos, seguidos de comportamentos carinhosos e promessas constantes de mudança desses atos. Em geral, há uma pressão por parte desse agressor/a para reatar o relacionamento, bem como também por parte da sociedade. Essa pressão torna o ambiente psicológico da agredida fértil para uma responsabilização dos atos de violência, e, em consequência disso, um misto de medo, confusão e culpa, que viabilizam o retorno para um contexto que, paulatinamente, deverá retomar a um aumento na tensão entre o casal (Fase 1).

São diversas as possíveis consequências para uma mulher vítima de violência, a saber:

- **Saúde mental**
 - ansiedade
 - estresse
 - problemas com o sono
 - abuso de álcool e outras drogas
- **Saúde física**
 - dor de cabeça
 - lesões corporais
- **Saúde reprodutiva**
 - Gravidez indesejada
 - Aborto
 - Infecções sexualmente transmissíveis

3. Conhecer alternativas de atuação

Casos parecidos com o descrito no exemplo de Angélica, infelizmente são bastante comuns no contexto brasileiro e fortemente naturalizados como normais, em função da nossa cultura sexista.

Para a identificação e enfrentamento de casos de violência doméstica, profissionais da psicologia tem contado com algumas técnicas e dispositivos que podem ser úteis em contextos e situações de trabalho corriqueiras, assim como no atual contexto de pandemia. Serão destacadas aqui aquelas que não demandam atividades grupais, tendo em vista que, no atual contexto, devem ser evitadas, como recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Contudo, destaca-se a importância e a grande eficácia de dispositivos grupais em cenários diferentes do atual. São técnicas/dispositivos possíveis de serem implementados durante a pandemia a psicoeducação e o mapeamento da rede.

Psicoeducação

Esse dispositivo pode ser utilizado em diversos contextos e situações. Trata-se de buscar evidenciar, junto à pessoa atendida, elementos de ordem cognitiva, afetiva e comportamental que operam em relação ao contexto e fenômeno vivenciado. No caso de Angélica, a psicóloga Bianca pode fazer uso desse dispositivo no processo de acolhimento (sua chegada à unidade de saúde), assim como nos demais encontros entre as duas, seja em visitas domiciliares, seja em consultas previamente agendadas.

No processo de psicoeducação se almeja, por meio de instrumentos psicológicos (como a entrevista) ou pedagógicos (como a leitura guiada de cartilhas, por exemplo), ensinar a pacientes/usuárias do serviço (bem como a outros profissionais) sobre o contexto de violência que está sendo vivenciado. Com isso, é possível desenvolver um trabalho que busque produzir um permanente processo de conscientização da mulher acerca das violências cotidianas vividas. Dessa forma, espera-se que a vítima consiga identificar, por exemplo, qual momento do ciclo da violência está sendo vivenciado, e, com isso, construir estratégias de pedido de ajuda ou fuga. Além disso, o próprio processo de construção de uma rede de apoio se torna algo fundamental, e que pode ser identificada/construída via psicoeducação. É uma estratégia muito importante, tendo em vista que muitas mulheres não têm consciência de que estão submetidas a uma situação de violência doméstica.

Mapeamento da rede

Uma importante estratégia de enfrentamento às situações de violência doméstica está no trabalho em rede. Especialmente por meio dos encaminhamentos e dos processos psicoeducativos, psicólogas/os podem trabalhar informando as mulheres acerca de instituições e serviços de proteção para garantia de seus direitos.

Nesse atual cenário de crise, muitas instituições estão operando com trabalho remoto, não oferecendo atendimento direto ao público. Contudo, na seara de proteção à mulher, existem serviços essenciais que estão operando 24h horas para garantir a efetividade de ações que buscam dirimir situações de violência doméstica.

São alguns exemplos dessas instituições: delegacias de atendimento especializado à mulher (que recebem denúncias e iniciam o processo de investigação da violência, bem como convoca o sistema de justiça a se envolver com o caso investigado), defensorias públicas (que oferece orientação jurídica à mulher, bem como procede a sua defesa na esfera judiciária), centros de atendimento especializado da mulher (CEAMs, que acolhem, orientam e oferecem serviços psicossociais e jurídicos às mulheres), além de programas específicos, por exemplo, os programas de pesquisa, assistência e vigilância em violência (PAVs), que operam dentro de órgãos do Sistema Único de Saúde (SUS) e estão em cada unidade da federação.

São importantes dispositivos da rede de proteção à mulher e enfrentamento à violência doméstica os canais de denúncia: 190 (polícia militar), disque 180 (central de atendimento à mulher) e o disque 100 (disque direitos humanos), que acolhem denúncias e oferecem, em tempo real, possibilidades de socorro (envio de viaturas ao local e orientações de como proceder numa situação grave de crise).

4. Acompanhar

Todas essas estratégias e dispositivos devem ter como perspectiva a permanente atuação objetivando construir práticas educativas que ofereçam à mulher a possibilidade de reconhecerem situações violentas, mesmo as mais naturalizadas, como no caso de Angélica (que compreendia como normal ser ofendida pelo companheiro diuturnamente), de modo que essas mulheres possam ter elementos para evitar situações de risco (por exemplo, identificando as fases do ciclo da violência doméstica, para, assim, agir no sentido de evitar a agressão).

Deve ser um norte dos profissionais de psicologia a construção permanente de redes de apoio social e afetivo no contexto dessas mulheres, a fim de que essas redes possam servir como base de sustentação de ações que busquem enfrentar o contexto de violência vivenciado.

Referências

1. <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>
2. <http://www.saude.df.gov.br/vigilancia-em-violencia/>
3. <http://www.pucrs.br/wp-content/uploads/2020/04/Cartilha-isolamento-e-violencia.pdf>
4. <http://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>

Este texto está disponível em <http://www.sbponline.org.br/enfrentamento-covid19>